



Filhos terceirizados...

Uma receita para o fracasso

Estamos criando uma geração que não sabe mais o que é apreciar o vento no rosto sem uma tela entre eles e o mundo. O brincar, o conversar e o ensinar foram terceirizados, embalados e entregues como pacotes digitais. Quem precisa de longas conversas ou de uma tarde no parque quando há um tablet brilhando a poucos cliques de distância?

Não precisam brincar com os filhos — as telas se encarregam disso.

Não precisam cozinhar — o iFood está a um toque.

Não precisam levar ou buscar — o Uber se encarrega das idas e vindas.

Nem educar precisam — a escola integral, com seu cronograma abarrotado, promete preencher as lacunas.

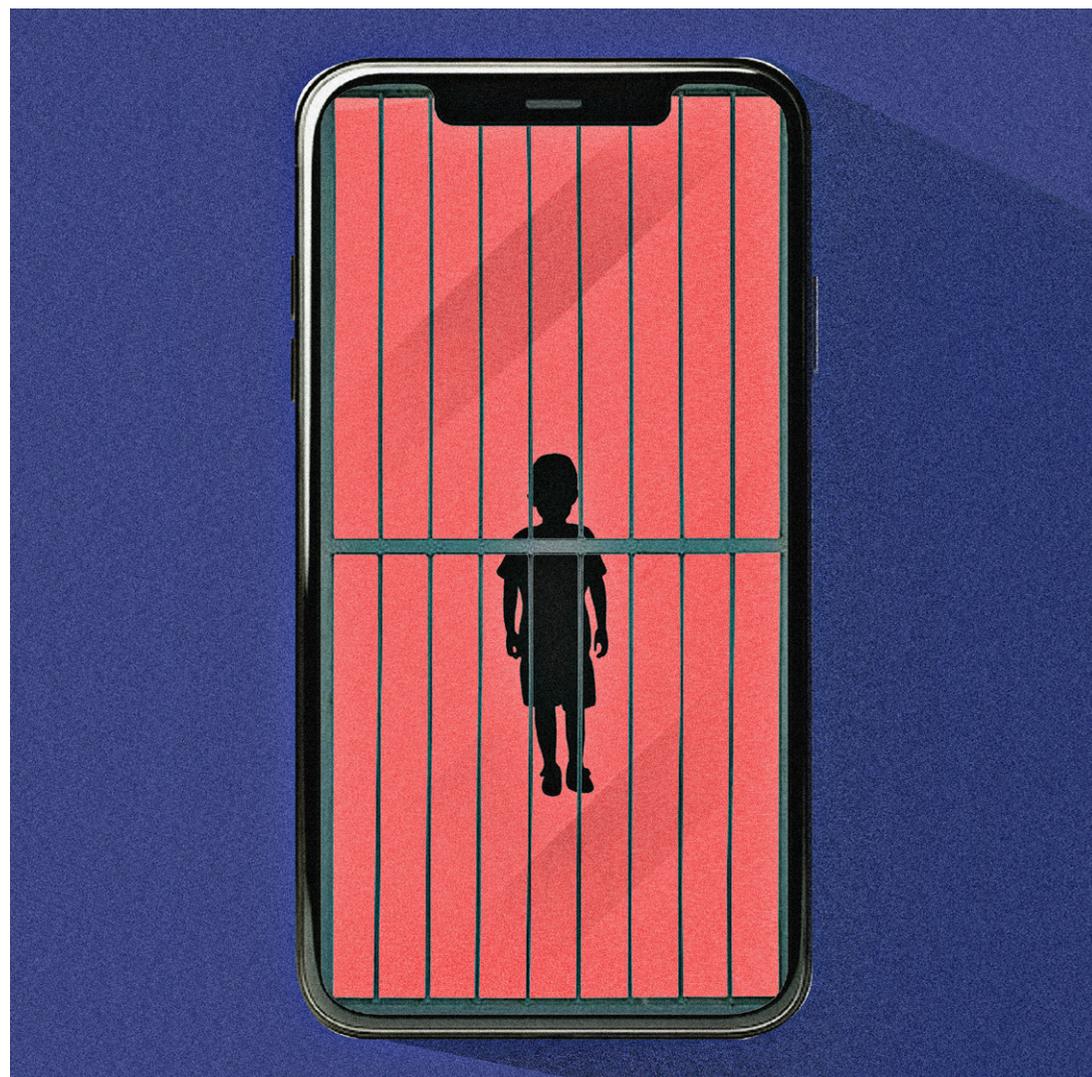
Mas o que era para ser eficiência virou negligência afetiva. E as consequências estão escancaradas: crianças e jovens cada vez mais frágeis emocionalmente. Tornaram-se especialistas em culpar: a família, a escola, o governo, o mundo. Sempre vítimas de algo, sempre alguém deve reparar o suposto dano.

Vivem com fones de ouvido, isolados em suas bolhas digitais, onde pedir desculpas é visto como uma fraqueza. Evitar o olho no olho virou defesa, um muro invisível que os protege de qualquer intimidade real. São ferozes na defesa de causas sociais, mas insensíveis aos próprios pais, avós e pessoas que se sacrificaram por eles. A palavra “responsabilidade” tornou-se uma sombra distante.

A ansiedade, a depressão e a hiperatividade se alastram como epidemias silenciosas.

Remédios já não são solução, mas paliativos constantes. Preferem investir horas no TikTok ou Instagram do que num café com amigos ou em momentos de convivência familiar. O toque humano, o contato direto foram reduzidos a likes e emojis.

Intimidade virou intimidação. Aproximar-se do outro causa desconforto. É mais fácil desligar o celular do que encarar um conflito ou



resolver uma divergência.

E, então, a pergunta inevitável: onde erramos? Será que nós, pais modernos, sufocados pela rotina, estamos delegando nossas funções primordiais em prol de uma falsa praticidade?

Em que momento abandonamos o essencial? Talvez tenha sido quando trocamos a construção diária do vínculo pelo conforto instantâneo das facilidades tecnológicas. Ou quando esquecemos

que crianças precisam de limites tanto quanto de amor e que o exemplo é o maior dos mestres.

Seja lá qual for o motivo, o que importa é não perder de vista que ainda há tempo.

Tempo para resgatar o olhar atento, o abraço demorado, a escuta ativa. Para ensinar que o mundo real é feito de imperfeições, de fracassos e recomeços. Tempo para aproveitar o maior de todos os presentes: a presença dos que amamos.